

Entre o público e o privado na formação psicanalítica Expansão e invariância

Vera L. C. Lamanno-Adamó,¹ Campinas

Resumo: Em junho de 2013 o *Jornal de Psicanálise* publicou vários artigos sobre o tema “Formação: entre o público e o privado”. Essa proposta incitou a autora, na época, a considerar o espaço intersticial, um espaço de sustentação entre o privado (análise e supervisão) e o público (seminários teóricos e clínicos). Passados doze anos, o *Jornal de Psicanálise* relança uma reflexão sobre a formação psicanalítica e a tensão gerada entre o público e o privado. Ao longo desse tempo, o que se ampliou, o que permaneceu invariante?

Palavras-chave: formação psicanalítica, público, privado, espaço intersticial

Em junho de 2013, o *Jornal de Psicanálise* publicou vários artigos sob o tema “Formação: entre o público e o privado”. No editorial, Marina Massi, iniciando sua gestão como editora desse *Jornal*, chama a atenção para uma de suas funções, “um interrogante da natureza institucional da formação psicanalítica, seja na esfera pública (cursos, seminários e supervisão) ou privada (análises didáticas/regulamentadas)” (Massi, 2013, p. 11), e convida o leitor a “refletir e problematizar essa tensa e delicada relação entre o público e o privado na formação e seus possíveis desdobramentos” (p. 15).

Esse tema me incitou, na época, tomando como ponto de partida a formulação de Márcio Giovanetti (2010) sobre a formação analítica ser constituída da coexistência entre o privado (análise e supervisão) e o público (seminários teóricos e clínicos), a considerar o

¹ Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas (SBPCamp).

espaço intersticial: espaço de sustentação entre essas duas estruturas contíguas (Lamanno-Adamó, 2013).

Passados 12 anos, o *Jornal de Psicanálise*, também no primeiro ano de sua nova editoria, relança uma reflexão sobre a formação psicanalítica e a tensão gerada entre o público e o privado, com o tema “O analista em formação: da intimidade do privado à expressão no público”, e convida seus leitores a

escrever sobre a experiência da transição do privado ao público no contexto da formação do analista – seus dilemas, sabores e dissabores, as questões que daí emergem, os desenvolvimentos que daí resultam, e os desafios enfrentados na comunicação com a sociedade em geral.

Na proposição apresentada pelo Corpo editorial de 2025, permanece o convite para uma reflexão sobre a formação analítica entre a intimidade do privado e o espaço público. No entanto, os colegas intentam ampliar a discussão para o âmbito da comunicação do analista com a sociedade em geral. O “público” sendo reconhecido não só na esfera dos seminários, cursos e apresentação do relatório de supervisão oficial do analista em formação.

Aos poucos, sugere o Corpo editorial:

o analista em formação ganha o mundo: seminários teóricos, clínicos, supervisões, eventos, congressos e grupos de estudo vão colocando-o em contato com a comunidade psicanalítica, com a qual aprende, troca, e também contribui. A instituição psicanalítica formativa tem sua influência para que o analista possa, com eficácia, riqueza, capacidade crítica e condução de si, endereçar-se ao grande grupo social, somando também, à sua maneira, ao desenvolvimento do humano, em comunidade com tantos outros saberes conquistados e lapidados por tantas outras cabeças.

Ao longo dos 12 anos, entre a publicação do *Jornal* de 2013 e esta, que ocorrerá em 2025, tive a oportunidade de exercer a função de diretora do Instituto no Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas

e, mais recentemente, de diretora do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas. O que tenho para comunicar, hoje, a partir da releitura do meu artigo e dos artigos de alguns colegas publicados em 2013? O que se ampliou, o que permaneceu invariante?

Ao longo destes anos, tem me chamado a atenção um maior envolvimento dos analistas em formação com suas próprias vivências como cidadãos, com questões advindas da pôlis, com o contexto sociopolítico em que vivem e um maior interesse em outros saberes. Algumas candidatas, pouco depois de se tornarem membros associados, interessaram-se em desenvolver o assunto Literatura e Psicanálise e também Ciência e Psicanálise.

Atividades realizadas pela SBPCamp ao longo do ano e abertas ao público em geral. O grupo de Literatura e Psicanálise tem a função de promover debates sobre conteúdos literários, que podem vir de um livro, um conto, um personagem ou de outro elemento literário. O intuito é, a partir desse conteúdo selecionado e sugerido, que seja antecipadamente lido pelos participantes, gerar uma livre conversa sobre as emoções, indagações, associações, perguntas e expansões que ocorram aos participantes. O de Ciência e Psicanálise tem o objetivo de transmitir a psicanálise, promover o intercâmbio de ideias e a interface com outras áreas de conhecimento, como filosofia, arquitetura, religião, antropologia, sociologia, educação, medicina...

De que forma a participação do analista nas questões da pôlis também faz parte de sua formação? Esse é o questionamento que Alarcão se propôs a discutir ao longo de seu artigo publicado no *Jornal de Psicanálise* de 2013. Toma como ponto de partida a música de Cazuza “Brasil! Mostra a tua cara”.

Mostrar a cara é um desafio para o analista: “o exercício clínico, a publicação de ideias em vários canais de comunicação e a participação ativa em processos comunitários são maneiras de mostrar a cara” (Alarcão, 2013, p. 104).

Mariano Horenstein (2013), considerando também o lugar do analista na cidade, tomando como ponto de partida Oikos e Polis, espaços concernentes ao cidadão grego, que divide sua vida entre esses dois lugares, se pergunta se o lugar do analista se assemelha ao

do cidadão. Inclina-se a pensar que o lugar do analista não é o do cidadão, mas o do *meteco*, ou seja, o estrangeiro que mora na cidade:

Lembremos que o meteco não é o estrangeiro que atravessa ocasionalmente a cidade, e tampouco é o cidadão. É o estrangeiro que mora entre os cidadãos. Esse lugar de estrangeiridade é o topôs ou outopos, lugar impossível e nunca completamente conquistado, lugar incômodo assimilável ao resto, ao que fica da operação analítica. A esse lugar o analista deverá advir em sua formação. (Horenstein, 2013, p. 78)

Marcio Giovannetti (2013) leva adiante a visão que Mariano traz sobre o analista meteco: “um lugar fora do lugar, o lugar do meteco. Intersticial, impreciso, imperfeito” (p. 128).

Roussillon (1988) considera o espaço intersticial nas instituições, definindo-o como lugares de trânsito entre uma atividade e outra, lugares de encontros, mesmo que rápidos, lugares do momento de folga entre as atividades institucionais estruturadas: o corredor, o lugar de descanso, o bar da esquina, o café, a padaria ao lado. Um espaço-tempo de regulação psíquica das relações interindividuais e intergrupais. O espaço intersticial “assegura uma função de vínculo, estabelece pontes, conforta narcisicamente, permite arranjos contrafóbicos, evita um sentimento muito doloroso de solidão” (Roussillon, 1988, p. 144).

O espaço intersticial é o lugar das práticas não tuteladas pela segurança da verdade estabelecida e pelo pré-determinado. Lugar do perigo, pois fora do mundo seguro das atividades oficiais, em que não valem asseguranças da verdade, da cultura, do saber, do sentido. É o lugar do risco, do imprevisto, um lugar marginal, habitado pela diversidade caótica, mas também espaço para a realização de projetos e de inovações no modo de fazer, no modo de agir, no modo de pensar. É nesse espaço que os membros da instituição podem divagar num livre pensar e ousadia.

Na formação analítica, aquilo que não pode ser tratado e contido nem no público e nem no privado (nem na análise e supervisão, nem nos seminários clínicos e teóricos), aquilo que não pode ser

elaborado na vida institucional irá “pipocar” no espaço intersticial. Restos transferenciais, desacordos com os ideais vigentes, rivalidades interindividuais e intergrupais tomam forma e amplitude no espaço intersticial, e podem se desenvolver até uma eventual retomada no seio dos espaços oficiais:

O espaço intersticial sustenta e trata aquilo que não pode ainda se oficializar na estrutura institucional, aquilo que não pode ainda fazer-se reconhecer. Aquilo que não pode ainda encontrar forma grupal ou individual aceitável, mas que deve ser protegido para não ser destruído ou enquistado, passa a ser suficientemente expresso no espaço intersticial até poder adentrar a estrutura oficial. (Lamanno-Adamo, 2013, p. 94)

Uma turma de candidatos da SBPCamp iniciou os seminários no formato online, via Zoom, pois esse início coincidiu com o isolamento imposto pela covid-19. E assim permaneceram por mais de dois anos. A queixa principal dessa turma de candidatos foi não se encontrarem nos espaços do corredor, no café, no bar, na padaria da esquina. Sem o espaço intersticial experimentaram dificuldade para desenvolver uma identidade grupal. Sem o interstício entre o público e o privado se viram perambulando solitários entre uma atividade e outra, vivenciando um sentimento doloroso de solidão.

Essa experiência levou a Diretoria do Instituto da SBPCamp a decidir, após o término do radical isolamento, manter a forma presencial em todos os seminários.

Em 2013 considerei o espaço intersticial na Instituição psicanalítica o espaço entre o privado (análise didática e supervisão) e o espaço público (seminários teóricos e clínicos). Hoje, expando o espaço público do analista para além dos muros do consultório e da Instituição e vejo o espaço intersticial como aquele que sustenta também, de forma contígua, o analista em formação a habitar a “cidade” e refletir sobre a interconexão entre os diversos campos do saber e como isso pode ampliar ou não a sua clínica.

É nos bastidores da instituição, dos congressos e dos grupos de estudo que essa problemática é ventilada e incita ousadia para experimentar o imprevisto, com todo o perigo e risco que uma inovação implanta, até que se adentre ou não a estrutura oficial da instituição.

O conteúdo veiculado no espaço intersticial pode ser primeiramente encriptado, proibido de entrar no espaço institucional propriamente dito, ou pode ser mantido em segredo, até ser retomado e inserido no espaço oficial.

Debates significativos vêm ocorrendo, ao longo dos anos, sobre o lugar da psicanálise na cultura, sua relação entre o coletivo e o individual, o sujeito e sua inserção político-social. Questão que traz à tona a problemática que se dá entre a prática psicanalítica singular e privada e a psicanálise que se manifesta no domínio público através da teoria de suas instituições e a relação com o político e o social.

Ao mesclar e, ao mesmo tempo, separar psicanálise individual e fenômenos sociopolíticos corre-se o risco de descaracterização do método e da técnica psicanalítica? Corre-se o risco de diluir, num espaço psicossocial, a especificidade da estrutura psíquica?

Ao mesmo tempo, critica-se uma psicanálise dissociada do contexto histórico e das angústias do mundo, restringida sua produção teórica ao campo da clínica individual. Uma psicanálise que não oferece hipóteses que contribuam para o debate e a análise das questões macroestruturais e que, portanto, não tem sustentado e levado adiante a herança freudiana de atribuir à psicanálise um potencial teórico capaz de analisar e compreender os grandes conflitos da humanidade.

Freud, em sua busca de compreender os enigmas do psiquismo humano, põe em relevo o funcionamento psíquico do sujeito em relação aos grandes eventos da humanidade. Seu empenho pode ser constatado em “Psicologia das massas e análise do eu” (1921/2006). Nesse artigo Freud afirma que, na vida anímica do indivíduo, as relações com os outros (família, sociedade etc.) aparecem com tal regularidade, que a psicologia individual é simultaneamente psicologia social.

Apoiado nessa herança de Freud, o trabalho de Hanna Segal (1985/1998) *O silêncio é o verdadeiro crime* ocupa lugar de destaque

por sua aguçada análise, utilizando conceitos freudianos e kleinianos, das ilusões narcisistas, onipotentes e mortíferas, e dos arcaicos mecanismos inconscientes que entram em jogo nas situações bélicas contemporâneas. Afirma que a visão psicanalítica, tanto da destrutividade da espécie humana quanto do alto custo de sua negação, contribui de forma importante para a compreensão de questões sociopolíticas.

Hanna Segal viveu na própria pele os horrores da Segunda Guerra Mundial, a necessidade de fugir de seu país, a experiência da migração forçada. Foi cofundadora, em 1983, do grupo Psicanalistas para a Prevenção da Guerra Nuclear (PPNW).

O silêncio é o verdadeiro crime é considerado uma das contribuições psicanalíticas mais importantes para o debate nuclear.

Seguindo essa problemática, analistas da América Latina, devido ao longo período de governos militares, tiveram a experiência da violência ditatorial e do terrorismo de Estado, da cultura do medo e do exílio externo e interno e, quando puderam, escreveram sobre isso, numa tentativa de explorar as relações dos sujeitos com o poder, a alienação, o desamparo e a crueldade presentes nessas situações sociais de alto impacto traumático.

Marcelo Viñar, psicanalista uruguai, um dos expoentes do movimento em prol de estabelecer relações entre fenômenos sociais, configuração cultural e sofrimento psíquico. publicou, em 1989, em parceria com Mauren Viñar, *Exílio e tortura*. Muito mais do que uma descrição da tortura e das vicissitudes do exílio, os autores desse livro se interrogam sobre o significado de violentas arbitrariedades no psiquismo humano.

Afirmam que “a tortura cria no espaço social algo como referente de uma punição, cujos efeitos trágicos visam não somente a vítima, mas, através dela, o grupo social no qual provoca o medo e a paralisia” (Viñar & Viñar, 1989/1992, pp. 70-71).

Fundamentado em experiências clínicas, Marcelo Viñar propõe questões instigantes:

É necessário investigar memória, esquecimento e apagamento unicamente na arquitetura individual da personalidade ou é também

preciso investigá-los na trama coletiva da memória social em seus modos de tratamento dos efeitos intoleráveis da violência social?
(Viñar & Viñar, 1989/1992, p. 72)

Desde então, tem havido crescentes conversas nos bastidores e alguma produção teórica que, partindo do conceito freudiano de mal-estar, estabelece relações entre dimensões político-sociais, configuração cultural e sofrimento psíquico.

Sucessivas contribuições à análise de questões macroestruturais e das transformações históricas e sociais na constituição da subjetividade culminaram na realização do Congresso Internacional de Psicanálise em 2023, em Cartagena, com o tema *Mind in the line of fire*.

O Congresso teve como objetivo promover o desenvolvimento da teoria psicanalítica, tanto no que diz respeito à influência das mentes individuais sobre o coletivo quanto ao impacto do contexto social nas mentes individuais e coletivas. Questões dificilmente imagináveis em congressos realizados há 30 ou 40 anos.

Psicanalistas e pacientes, movidos pelo processo psicanalítico, geralmente trabalham com a mente na linha de fogo. No entanto, quando pomos a cultura no divã, muitas questões entram em cena para serem extensa e miudamente debatidas.

Como as perspectivas psicanalíticas e sociais se cruzam? Como nosso método e nossa técnica são afetados quando trabalhamos com pessoas em situações extremas? Como nosso método e nossa técnica são afetados quando trabalhamos com indivíduos submersos no racismo estrutural, no machismo estrutural, nos ataques estruturais à sua diversidade de gênero, no fascismo, na imigração forçada?

A psicanálise, neste tempo de expansão de sua teoria e clínica, impõe ao analista em formação sustentar uma prática complexa, impõe ao seu instituto formador cada vez mais “manter o sentido genuinamente analítico da formação analítica, e não um mero mecanismo de indução profissional” (Horenstein, 2013, p. 73).

A análise didática, espaço singular de privacidade e palco de intermináveis e necessários debates, apesar dos pesares, tem me levado a reconhecê-la cada vez mais como o lugar privilegiado na

manutenção do que há de genuíno e inovador no método psicanalítico. É, em especial, em uma análise didática, com alta frequência (se tudo correr bem), que a articulação entre o dentro e o fora, o entendimento de suas próprias questões e dinâmicas psíquicas podem ocorrer propiciando ao analista em formação uma condução de si com capacidade crítica.

Os elementos constantes e variáveis numa sessão de análise, a elasticidade da técnica se tornam possíveis através da sustentação dada pela mente do analista em sua dimensão ética, sua presença engajada e em reserva. A mente do analista é onde a análise acontece.

Finalizo com algumas formulações de Judith Andreucci sobre a análise didática, apresentadas durante uma entrevista a colegas da Ide, em 1986, e republicada no *Jornal de Psicanálise*, 46(84) (Lima; Pedreira & Sandler, 1986/2013).

Ide – A sra. poderia nos dar uma visão retrospectiva de sua experiência como didata? Se possível, nos dizer o que acha que deveria ser reformulado ou preservado?

Judith – Penso que minha experiência como didata está ligada à experiência como analista e ser humano. As raízes perdem-se no acervo do conhecimento que venho adquirindo através da própria vida. Existem invariáveis, características que marcam cada ser humano como único no tempo e espaço, e infinitas variáveis que tornam difícil apresentar uma visão retrospectiva em relação a uma experiência que está sempre se renovando, num fluir constante. Nenhum homem, disse um dia o velho Heráclito, consegue tomar duas vezes banho no mesmo rio, porque o rio e o homem mudam a cada momento. Quanto ao que deveria ser reformulado ou preservado, creio que o didata deve, essencialmente, preservar sua autenticidade e liberdade e reformular tudo que possa impedi-lo, falseando-o e deturpando-o na sua verdade.

Ide – A sra. acha que o fato de o analista didata fazer parte da instituição e ser o mesmo analista do candidato prejudica o setting, mesmo que interfira, diretamente, nos assuntos do ensino?

Judith – Penso que não podemos aspirar a uma assepsia perfeita, pois somos inexoravelmente imperfeitos. Seria impraticável isolar o analista didata da instituição. Entretanto, cabe a seu bom senso e respeito para com seus candidatos colocar-se, o mais possível, distante das situações que contribuam para causar-lhes sofrimentos desnecessários. Os problemas, porém, que possam surgir, constituem, a meu ver, material de análise.

**Entre lo público y lo privado en la formación psicoanalítica:
expansión e invariância**

Resumen: En junio de 2013, el *Jornal de Psicanálise* publicó varios artículos bajo el tema “Formación: entre lo público y lo privado”. Esta propuesta llevó a la autora, en aquella época, a considerar el espacio intersticial, un espacio de sostén entre lo privado (análisis y supervisión) y lo público (seminarios teóricos y clínicos). Doce años después, el *Jornal de Psicanálise* relanza una reflexión sobre la formación psicoanalítica y la tensión generada entre lo público y lo privado. A lo largo de estos doce años, ¿qué se amplió, qué permaneció invariable?

Palabras clave: formación psicoanalítica, público, privado, espacio intersticial

**Between public and private in psychoanalytic training:
expansion and invariance**

Abstract: In June 2013, the *Jornal de Psicanálise* published several articles under the theme, “Formation: between the public and the private”. This proposal prompted the author, at the time, to consider the interstitial space, a support space between the private (analysis and supervision) and the public (theoretical and clinical seminars). Twelve years on, the *Jornal de Psicanálise* is re-launching a reflection on psychoanalytic training and the tension generated between the public and the private. Over the twelve years, what has expanded and what has remained unchanged?

Keywords: psychoanalytic training, public, private, interstitial space

**Entre public et privé dans la formation psychanalytique :
expansion et invariance**

Résumé : En juin 2013, le *Jornal de Psicanálise* a publié plusieurs articles sous le thème « Formation: entre le public et le privé ». Cette proposition incitait l'auteur, à l'époque, à s'interroger sur l'espace interstiel, espace de soutien entre le privé (analyse et supervision) et le public (séminaires

théoriques et cliniques). Douze ans plus tard, le *Jurnal de Psicanálise* relance une réflexion sur la formation psychanalytique et la tension générée entre le public et le privé. Au cours de ces douze années, qu'est-ce qui s'est développé et qu'est-ce qui est resté inchangé?

Mots-clés : formation psychanalytique, public, privé, espace interstiel

Referências

- Alarcão, G. G. (2013). Aspectos públicos da formação e da identidade do analista. *Jurnal de Psicanálise*, 46(84), 99-106.
- Freud, S. (2006). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 18, pp. 311-316). Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Giovanetti, M. F. (2010). Sobre a natureza e a função do currículo na formação analítica. *Jurnal de Psicanálise*, 43(79), 181-185.
- Giovanetti, M. F. (2013). Comentário: de ocupação à errância. *Jurnal de Psicanálise*, 46(84), 127-132.
- Horenstein, M. (2013). Tornar-se estrangeiro. *Jurnal de Psicanálise*, 46(84), 69-82.
- Lamanno-Adam, V. L. C. (2013). Entre o público e o privado: o espaço intersticial. *Jurnal de Psicanálise*, 46(84), 93-98.
- Lima, A. L.; Pedreira, H. & Sandler, P. (2013). Entrevista com a professora Judith Seixas Teixeira Carvalho Andreucci. *Jurnal de Psicanálise*, 46(84), 193-204. (Trabalho original publicado em 1986)
- Massi, M. (2013). Editorial. *Jurnal de Psicanálise*, 46(84), 11-15.
- Roussillon, R. (1988). Espaços e práticas institucionais. O quarto do despejo e o interstício. In R. Kaës (Org.), *A instituição e as instituições* (pp. 133-149). Casa do Psicólogo.
- Segal, H. (1998). O silêncio é o verdadeiro crime. In H. Segal, *Psicanálise, literatura e guerra: artigos 1972-1995* (pp. 153-166). Imago. (Trabalho original publicado em 1985)
- Viñar, M. & Viñar, M. (1992). *Exílio e tortura*. Escuta. (Trabalho original publicado em 1989)
- Vera L. C. Lamanno-Adam
vlamannoadam@gmail.com

Recebido em: 5/2/2025

Aceito em: 29/3/2025

doi: 10.5935/0103-5835.v58n108.03